

## Apresentação

A História Intelectual no Brasil se insere na trajetória da História das Ideias. Ela chega na forma de uma nova denominação para um velho campo de investigação e de início não traz consigo exigência de mudança. “História intelectual, ou história das ideias”, um par não-excludente, conforme assinala José Murilo de Carvalho, nos primeiros parágrafos de um judicioso artigo sobre o tema<sup>1</sup>. Com efeito, a história das ideias tem longa tradição entre nós, tratando das obras de pensamento consideradas pilares na constituição dos diversos campos disciplinares. Via de regra, os estudos históricos relacionados à cultura intelectual e à produção do conhecimento nas diferentes áreas de investigação acadêmica, foram, durante muito tempo, considerados competência específica de cada área. Essa historiografia organizava autores e escolas em ordem cronológica, como uma sucessão. O autor em geral aglutinava a obra de forma não problemática, embora por vezes as obras fossem agrupadas em correntes de pensamento. Quando os horizontes desse tipo de abordagem se alargaram, procuraram de início recuperar contextos sociais diversos que explicariam obras e autores: história das ideias enquanto história das ideologias, pondera ainda o mesmo José Murilo, identificando acertadamente essas condutas historiográficas entre nós.

Com o progressivo estabelecimento da História Intelectual – essa nova denominação da História das Ideias, de origem anglófona – os historiadores de profissão parecem retomar com interesse renovado os desafios de interpretação da produção intelectual. Voltou-se a interrogar historicamente as relações, quer práticas ou estruturais, entre produção intelectual, cultura, economia e sociedade. É possível falar de ideias enquanto objeto de investigação histórica? A operação de interpretação de textos pode reivindicar independência dos contextos históricos? O que significa contextualizar? Qual a relação entre ideias, discursos, textos e livros? É possível supor uma dinâmica temporal interna à história intelectual?

Diferentes doutrinas oferecem respostas a essas questões, propiciando a constituição de um campo de investigação compartilhado por diferentes escolas metodológicas. No cenário acadêmico norte-americano dos anos de 1940, o trabalho fundador de Arthur Lovejoy ganha corpo no *Journal of the History of Ideas*, veículo que expressa de modo privilegiado os primeiros caminhos da pesquisa e os debates e tensões que acompanham o deslocamento gradual do campo para a nova denominação: História Intelectual. Na Alemanha do entreguerras desenvolve-se o projeto de um vocabulário histórico-crítico que acaba por transbordar os limites da proposta original em direção a uma História dos Conceitos, tendo Reinhart Koselleck como principal portador internacional. Em países de cultura ibérica e no Brasil, boa parte da nova história política voltou-se para a identificação de conceitos, suas mutações e seus rastros ao longo de extensos períodos de transformação social. A partir dos anos de 1960, Peter Laslett, John Pocock e Quentin Skinner retomam o pensamento político moderno interpretando obras e autores a partir de contextos linguísticos minuciosamente reconstruídos. A nova abordagem convoca doutrinas da Linguística e da Filosofia sobre a natureza da linguagem, e começa por impactar os estudos de ciência e filosofia políticas, mas logo se apresenta aos estudos históricos das ideias como um caminho promissor de pesquisa. Via de regra, as incursões pela recuperação de

---

<sup>1</sup> José Murilo de Carvalho, “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, *Topoi*, (Rio de Janeiro), [vol.] 1,1 (2000): 123-152.

contextos linguísticos em novos objetos de análise historiográfica, contudo, são bastante tímidas, dada a exigência documental e interpretativa desse procedimento propugnado pela chamada Escola de Cambridge. Na França, a história intelectual se estabeleceu, primeiro, como abordagem da história das ciências, que teria como objetos o pensamento científico e a cultura científica, tal como encontramos nas obras de Gaston Bachelard, Alexandre Koyré e Georges Canguilhem. Mais recentemente, François Hartog propôs a História Intelectual como uma abordagem para a historiografia (ou história da historiografia), a partir de um problema elaborado por esse historiador, que leva em consideração as ideias de autores considerados “outsiders” em relação ao campo disciplinar.

As propostas dessas escolas suscitam questões de teoria e método e provocam revisões de conduta na historiografia das ideias, no tratamento de obras e autores, na compreensão das correntes de pensamento. As pesquisas passam a ter por objeto as circunstâncias de produção, discussão, escrita e propagação de ideias, pelo estudo crítico de discursos, textos e livros, seus contextos de produção, transmissão e recepção, e pela recuperação de seu significado histórico.

Esse gênero de estudos históricos já está bastante estabelecido nos países de língua inglesa, na Alemanha e na França. A transmissão de suas teses e discussões, por sua vez, é recepcionada e aclimatada adquirindo características locais. No Brasil, apesar do grande número de pesquisadores, não foi possível ainda constituir uma rede de intercâmbios efetivos acerca do tema, embora na última década possamos destacar diversos esforços nesse sentido, a exemplo de publicação de teses, artigos, revistas e dossiês de revistas que tratam de problemas de história intelectual. Esses interesses, por exemplo, são claramente percebidos nos esforços coletivos de professores da Universidade de São Paulo, reunidos em torno do Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (LabTeo), que, regularmente, têm publicado, orientado dissertações de mestrado e teses de doutorado, e oferecido disciplinas dentro do campo da história intelectual.

O Grupo de Pesquisa em História Intelectual na USP, reunindo professores e estudantes de nossa universidade e de várias universidades brasileiras e estrangeiras, foi então criado para promover a pesquisa e o intercâmbio em História Intelectual, entendida como campo de investigação com amplo espectro de temas e problemas, situado no entrecruzamento da história das ideias, da filosofia, das ciências e da cultura. A revista *Intelligere* nasceu desse entrecruzamento. Neste número inaugural reúne um leque variado de artigos, representativos em grande medida dos muitos objetos dos quais a história intelectual pode tratar, com diferentes abordagens. Dessa forma pretende contribuir decisivamente para os esforços de consolidação desse campo de investigação histórica entre nós.

**Sara Albieri**

*Editora executiva*

[revistaintelligere@usp.br](mailto:revistaintelligere@usp.br)